

POR UMA HISTORIOGRAFIA DECOLONIAL

JOÃO PEDRO GARCEZ^{1,2}, FÁBIO FELTRIN DE SOUZA^{1,2}

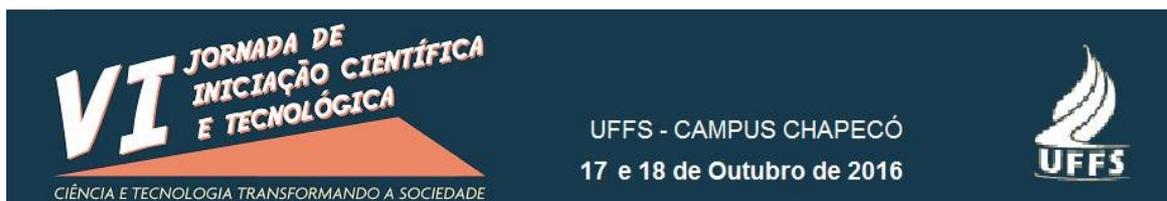
¹Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim; ²Grupo de Pesquisa *Historiografia, linguagens e memória* da Universidade Federal da Fronteira Sul;

*Autor para correspondência: João Pedro Garcez (garcez.joaop@gmail.com)

Introdução.

O projeto de pesquisa *Por uma historiografia decolonial* está inserido num contexto maior de debate epistêmico: o debate pós-colonial. Ao longo do século XX, vivenciando seus respectivos contextos coloniais, uma série de autores escrevem textos que, ao apontar para o colonialismo como uma experiência de diversas situações de opressão e hierarquização, operada a partir de recortes de classe, étnicas ou raciais, são tomados como a origem do paradigma pós-colonial. Nesse sentido, percebe-se como o discurso colonial tomou a si como fala única, descrevendo o Outro (seja a mulher, o selvagem, o negro) a partir de referenciais de civilidade próprios (euro e ego-cêntricos) e impossibilitando assim os mesmos de constituírem os discursos sobre suas próprias identidades. (BALLESTRIN, 2013)

Em nosso século, o grupo *Modernidad/Colonialidad*, formado principalmente por pensadores latino-americanos, insere a América Latina no debate. Através do conceito de *colonialidade*, apontam para a permanência das estruturas hierarquizantes e coloniais nas antigas colônias, mesmo com o fim do colonialismo político. Esse legado simbólico (econômico, cultural, social) é desenvolvido sobre a tríade: colonialidade do poder, do ser e do saber. O conceito de colonialidade do saber, particularmente interessante no âmbito de nossa pesquisa, procura fazer “la crítica de las formas eurocéntricas de conocimiento” (CASTRO-GÓMEZ y GROSGOUEL, 2007). Após a invasão colonial, e enfaticamente a partir do século XVII, o



domínio militar-econômico-político europeu privilegiou e ajudou a tornar hegemônica uma perspectiva e um modo de produzir conhecimento vinculados a modernidade eurocentrista. Dessa forma, a Europa foi se assumindo como ponto de referência e de chegada para outras nações, povos, corpos, saberes, histórias e outras epistemologias.

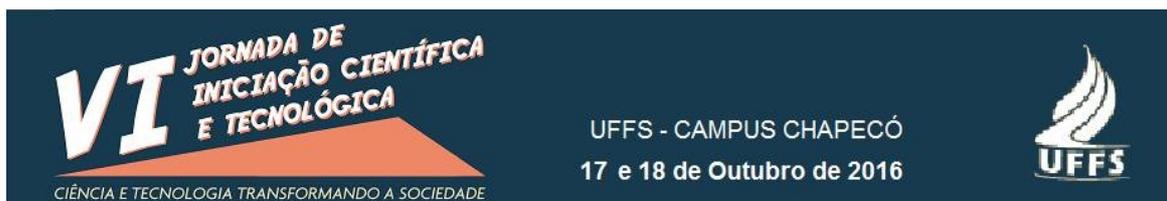
O universo acadêmico aparenta institucionalizar a colonialidade do saber, ao passo que valoriza uma lógica colonial de produção de conhecimento e que ainda revela, conforme Mignolo (2003), uma geopolítica do conhecimento, uma hierarquia que privilegia a criação e transmissão de conhecimentos, teorias, metodologias, e conceitos de origem europeia, e que, simultaneamente, subalterniza formas não-europeias. Ora, somos nós, aqui no Sul, também produtores de conhecimento. Nosso projeto de pesquisa, então, deseja apropriar-se do debate relativo ao giro decolonial operado pelo Grupo *M/C*, adquirindo como premissa, no diálogo, uma decolonialidade do olhar e de abordagem, que permitam romper com uma produção de conhecimento e com uma historiografia de caráter colonialista.

Objetivos.

Nelson Maldonado-Torres cunhou em 2005 o termo *giro decolonial* como um “movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade.” (BALLESTRIN, 2013). A partir e além do *giro*, tomamos como anseio da pesquisa inovar o campo da teoria da história, pensar novas formas de produzir conhecimento (conceitos, teorias, metodologias) nas áreas da Historiografia e das Humanidades, que encerrem, ou que resistam, as lógicas centrais e hierárquicas coloniais-eurocêntricas e que possibilitem um diálogo de saberes em perspectiva global e horizontal.

Metodologia.

Após inserção inicial ao universo de textos que poderíamos chamar de pós-coloniais ou decoloniais, a pesquisa tomou dois objetos de reflexão: (I) a literatura do moçambicano Mia Couto - em particular seus romances *Terra sonâmbula* e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* e alguns de seus ensaios; (II) a ideia de epistemologias subalternas, implícita



na *colonialidade do saber*.

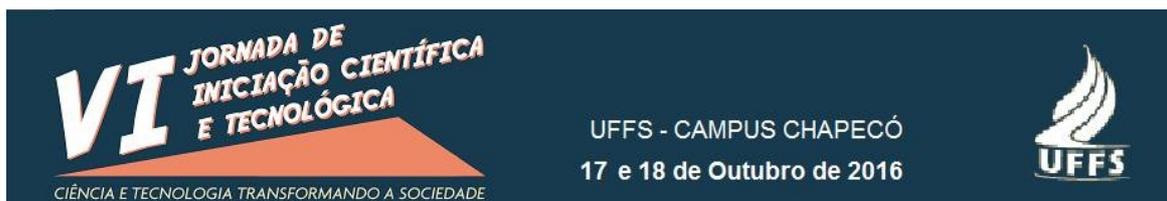
Para a literatura de Couto, colocaram-se as perguntas: qual é (e de que tipo é) a representação de Moçambique elaborada em suas narrativas? Como ela se relaciona com um imaginário colonial de “África”? Seria ela uma narrativa pós-colonial? Se sim, por que meios?

Para pensar epistemologias subalternas ou não-hegemônicas, indagamos: qual a relação entre colonialidade e subalternização dos conhecimentos? O que seria uma descolonização do pensamento?

Resultados e discussão.

Mia Couto, autor de poderosas narrativas que misturam prosa e poesia, imaginação e experiência, nos parecia estar elaborando narrativas pós-coloniais a partir de sua vivência em um Moçambique recém saído do processo de independência e ainda muito tocado pelo projeto colonial. Soava nelas uma preocupação em (d)escrever a experiência colonial pela óptica do colonizado. A necessidade de (des)tra(u)mar através da linguagem sua experiência (traumática) frente as guerras de independência e civil em Moçambique. De dar a história, ou de tornar história, essa outra perspectiva, perpassada por um tom testemunhal (PAIANI, 2013). Diferente daquela “história única” de África falada por Adichie (2009), composta, de maneira estereotipada, somente por catástrofes. As narrativas coutianas, doutro modo, parecem preocupadas com o *universal ético* de uma literatura pós-colonial (APPIAH, 1997). E a partir de sua posição de *entre-lugar* (BHABHA 2005), preocupadas em construir outras representações (de Moçambique, de África, de mundos), outras histórias, outras relações, que fujam das coloniais-hegêmicas – como na inadequação das narrativas às dicotomias coloniais centro/periferia, tradição/modernidade, escrita/oralidade, etc.

Já a ideia de epistemologias subalternas foi desenvolvida dialogando com três âmbitos e três contribuições diferentes: (I) com Boaventura de Sousa Santos (2005) e sua concepção de epistemologias do Sul, que frente ao processo histórico no qual a ciência moderna/ocidental se fez conhecimento universal e hegemônico, propõe uma ecologia dos saberes, ou um



diálogo contextual, pragmático e horizontal entre diferentes saberes, conhecimentos ou epistemologias; (II) o debate sobre produção de conhecimento em África, como que numa epistemologia africana, realizado por Dismas Masolo (2010) através da contribuição da etnofilosofia com os conceitos de conhecimento indígena e tradução cultural; (III) a proposta de experiência de pensamento elaborada por Eduardo Viveiros de Castro (2011; 2015) com o pensamento ameríndio: traduzir essa diferente imaginação conceitual a nossos termos e descobrir aí quais as implicações epistêmicas desse pensar outramente. As três propostas, separadas e conjuntamente, parecem tentar responder a questão da colonialidade do saber ou parecem tentar a “descolonização permanente do pensamento”, nos termos de Viveiros de Castro.

Conclusão.

Diante da problemática da colonialidade do saber tentamos, junto a literatura selecionada, elaborar possíveis saídas, suleados pelo desejo da descolonização do pensamento. A nosso ver, mesmo que em uma análise prematura, tanto as narrativas de Mia Couto, como as epistemologias subalternas tratadas, vão na direção de um outro horizonte epistêmico, de outras formas de produzir conhecimento e saberes, já que fogem a lógica central/hierárquica/eurocêntrica que por séculos permeou a relação entre diferentes tipos de conhecimento.

Palavras-chave: colonialidade do saber; decolonialidade; Mia Couto; epistemologias subalternas.

Fonte de Financiamento

PROBITI - FAPERGS

Referências

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.



COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

_____. **Terra sonâmbula**. 5. reimp. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.